

Helcio Freitas

# O Reino Triste

e outras histórias lúdicas



Ilustrado por I.A.





ISBN N° 978-65-01-32511-8

# O Reino Triste e outras histórias lúdicas

## índice

PREFÁCIO DO AUTOR	PÁG - 4
DEDICATÓRIA	PÁG - 5
O REINO TRISTE	PÁG - 6
O PEQUENO RIO	PÁG - 13
RODA PIÃO, RODA	PÁG - 17
UM CONTO ESTELAR	PÁG 21
REPÚBLICA DOS CÃES	PÁG 23

## Prefácio do Autor

Para onde foram os tempos de ludicidade, em que se contavam histórias e se trocavam ideias; em que cada um esperava respeitosamente a sua vez de se manifestar? Tempos em que, uma vez exposto um ponto de vista diferente, o expositor não ficava sujeito ao ódio do outro? Ao contrário: falar sobre as diferenças era justamente a graça, e um dos motivos para o encontro ou a confraternização.

Ao fim da reunião, não havia o sentimento de rancor, ou o desejo de mútua eliminação que existe hoje, mas ficava a boa sensação de ter feito o melhor que se pôde para explicar um pensamento, bem como, a satisfação de ter conhecido mais pessoas que sabiam pensar – embora por um prisma diferente, às vezes – e que isso, se fosse respeitado, era bom.

Tempos em que havia jogos e narrativas de histórias incríveis, que passavam de uma geração à outra, e que eram a melhor parte do encontro, e a alegria das crianças – e não se enganem, dos “marmanjos” de plantão também.

Neste trabalho, resgatamos um pouco desse tempo, trazendo algumas histórias que embora provoquem reflexões, não deixam de conter uma boa dose de diversão.

Um pouco de lúdico, para lembrar.

O Autor



helciofreitas@hotmail.com



Helcio Freitas



@helciodavide

Dedico este meu primeiro e-book ao meu amigo Jiddú Saldanha, grande artista e incentivador.

# O REINO TRISTE



Era uma vez, um reino que ficou famoso por uma característica muito peculiar, para não dizer estranha, surgida em determinada época de sua história, pelos motivos que a partir de agora, passarão a ser narrados:

Nele havia um rei que passava por um momento de luto, após ter perdido sua linda, amada e ainda jovem esposa, para uma doença desconhecida.

No seu imenso egoísmo, como se, somente ele tivesse perdas na vida, baixou um decreto que ficou conhecido como o “Decreto da Tristeza”.

Essa lei obrigava todas as pessoas a compartilharem da sua dor.

Portanto, seu objetivo era de que todos dividissem com ele aquele pesar, porque ficando tristes, seus empregados e súditos demonstrariam respeito e solidariedade para com a sua Majestade.

Quem não fizesse uma expressão de tristeza quando passasse perto do Palácio Real, de um militar, de algum outro funcionário do rei, ou, de alguma forma, manifestasse alegria diante de uma autoridade, seria considerado um praticante de desconsideração, e imediatamente levado à prisão. E ninguém sabia o que aconteceria depois.

No início, para fiscalizar o cumprimento do preceito, instituiu-se a “Polícia da Tristeza”, encarregada de verificar a correta obediência ao mandamento.

Atualizando as expressões para as equivalentes atuais, essa recém-criada instituição assim abordava as pessoas flagradas sorrindo:

— Está sorrindo, cidadão? Considere-se preso por prática de desconsideração ao rei!

A fim de agradar ao monarca e se exibir, outros funcionários, que tinham um pouco mais de autoridade e eram mais próximos ao regente, prevalecendo-se dos seus cargos, diziam aos sorridentes incautos:

— Para quem você acha que está sorrindo? Como você não é nada, e eu sou funcionário real, eu ordeno: Guardas! Prendam este sujeito por desconsideração à autoridade do rei e à minha, como seu representante!

Por consequência, não sorriam mais e tornaram-se tristes, de início, todas as pessoas ligadas diretamente ao palácio: os ministros, os secretários, os cortesãos, que também queriam reverenciar o soberano, e os criados.

Depois, deixaram de sorrir os cocheiros, que foram sucedidos pelos outros trabalhadores e habitantes do reino em geral, porque todos tinham receio da delação dos adutores ou de alguma punição.

Assim, o tempo foi passando e a tristeza foi contagiando as pessoas impiedosamente. Como uma imensa e violenta peste.

A infelicidade se expandiu de uma maneira extraordinária, até que chegou-se ao ponto de não haver mais alegria no reino.

Mesmo depois de passado certo tempo, ninguém mais próximo teve a coragem de falar ao rei que bastava de tristeza, porque havia o medo de ser degolado, tendo em vista o estado de tristeza, revolta, e o mau humor do monarca, que já tardava.

O clima ficou tão pesado, que as pessoas que conseguiam emigrar de lá, nesse período conturbado, nunca mais voltaram.

O isolamento causado pela existência de um imenso deserto, que separava o país de outros reinos — somado à ausência, na época, de modernos meios transporte — não impediu que alguns aventureiros que por ali passassem, por acaso, notassem o tamanho da tristeza daquela gente.

A própria Polícia da Tristeza deixou de ser necessária e pôde ser extinta tranquilamente, tal a intensidade da interiorização deste sentimento por parte da população, que com o tempo, acabou adotando-o como uma característica cultural.

Mesmo assim, depois de um certo tempo de acomodação, de forma inesperada, o reino começou a prosperar, no aspecto econômico.

Por causa disso, comerciantes começaram a se dirigir para lá cada vez mais, procurando fazer a maior quantidade de negócios possíveis, de uma só vez, a cada viagem, para economizar. Essas tratativas, combinadas ao contínuo progresso daquele povo, ofereciam boas oportunidades a eles, porque lhes garantia bons lucros, apesar da distância do lugar.

No momento de realizarem as transações, eles também não sorriam, em respeito àquela ordem e, mais tarde, àquele estranho costume, como passou a ser conhecido, depois de um certo tempo.

Esses negociantes tinham aprendido, lá para as bandas do Oriente, que não deveriam menosprezar nenhuma cultura, apenas por ser diferente. Ademais, estavam interessados mesmo é nos ganhos que a alta produtividade daquele povo podia lhes proporcionar.

O mesmo respeito a essa “tradição”, também passou a ser demonstrado pelos raros anfitriões dos governantes do reino, que diplomática e educadamente, nunca questionavam esta característica peculiar, respeitando-a, e mostrando esmorecimento durante a permanência dos seus convidados.

E o país então, passou a ser conhecido como “o reino triste”.

O soberano, por sua vez, acabou falecendo inesperadamente, e de forma precoce alguns anos depois. Se foi de tristeza ou não, ninguém soube, porque ele morreu dormindo.

Como ninguém esperava por esse desfecho, todos no palácio correram para adorar às pressas, o enorme e suntuoso mausoléu do governante, cuja construção estava longe de acabar.

Houve necessidade de mobilizar um grande número de trabalhadores para que se pudesse concluir pelo menos a câmara de sepultamento, deixando-se para uma fase posterior, a parte externa do enorme túmulo.

Todas as outras construções e reformas tiveram que ser abandonadas, inclusive a da biblioteca, que embora armazenasse toda a documentação oficial do reino, assim permaneceria por décadas.

Tudo foi feito na maior correria.

Talvez por esse motivo, ninguém lembrou, em momento algum, de providenciar a revogação do Decreto da Tristeza.

E a partir de então, com o passar dos anos, o povo passou a conviver com esse sentimento de uma forma quase natural.

Depois de falecido o rei, pouco a pouco, com o decurso normal do tempo, também foram se extinguindo todas as pessoas de sua geração, e a certa altura dos acontecimentos, ninguém mais se recordava daquela ordem real de tristeza.

Assim, o sentimento tornou-se imperante no reino, definitivamente.

As gerações posteriores – como frequentemente acontece com a adoção de alguns costumes e preconceitos, que não se sabe de onde vêm, a princípio – também começaram a acreditar que a tristeza era uma característica do seu povo. Isso porque, como pais e avós não sorriam, filhos e netos, conseqüentemente, passaram a nem saber o que era isso.

Dessa forma, sucessivamente, pela convivência diária e pelos exemplos, os meninos e as meninas acabavam por imitar seus ascendentes, e a repetir o mesmo comportamento, sistematicamente.

Quando as crianças nasciam, elas choravam, naturalmente, como de praxe. No entanto, logo que abriam os olhinhos e se deparavam com as faces tristes dos seus pais e avós, aí, sim, vendo essas carrancas, é que berravam mais ainda!

Quando cresciam um pouco mais, e perguntavam o que era o sorriso, eram severamente castigadas, por haverem pronunciado aquele “palavrão”. E nunca recebiam explicação alguma dos seus genitores, a respeito da questão.

A essa altura, os próprios pais das novas gerações já não sabiam direito o porquê daquela repressão, pois só reproduziam o que viam seus respectivos antecedentes fazendo em seqüência.

Assim, com muita tristeza, as pessoas se apegavam somente ao trabalho, que era a única distração que tinham, por assim dizer.

Como trabalhavam quase sem parar, o reino acabou ficando rico, para os padrões daquele tempo.

As pinturas e outras manifestações artísticas, que vinham de reinos distantes e retratavam pessoas sorrindo, passaram a ser consideradas representações de povos no mínimo, exóticos.

As famílias tradicionais do reino eram contra a divulgação dessas imagens, vistas como verdadeiras aberrações, e estabeleceu-se uma rígida censura a essas obras por meio de severas normas.

Os jovens se reuniam escondidos para ver desenhos e pinturas – equivalentes às revistas ou à internet, na época – de pessoas sorrindo, principalmente em grupos, que eles apenas sabiam que se chamavam “festas”. Entretanto, ainda não entendiam direito o porquê de, no seu país, as pessoas considerarem o sorriso um ato contrário aos bons costumes, apesar de, por reverência aos seus ascendentes, obedecerem ao que lhes era ensinado.

Até que, um dia, um jovem – que atualmente chamaríamos de nerd – enquanto estudava na desorganizada Biblioteca Real, visando a alcançar bons resultados no “vestibular” da época, que era uma espécie de teste para aprendiz de escriba, e que exigia certo conhecimento histórico sobre algumas leis, encontrou, por acaso, entre outros escritos, o antigo Decreto da Tristeza, perdido e sem ter sido corretamente classificado.

Curioso, perguntou sobre ele ao guardador de livros, que, também interessado, mas desconhecendo o documento, levou-o ao conhecimento do vizir, que, por sua vez, procurou o então jovem rei daquela época.

Para contextualizar, por causa da falta de alegria, nesse tempo, a taxa de suicídios no país já era considerada a mais alta do mundo, principalmente entre os jovens.

Houve grande agitação no reino, por conta do achado do Decreto, e bastante trabalho para os parcos estudiosos das questões sociais da época, que discutiam, divergiam e elaboravam teorias, associações e dissociações entre os problemas antigos, os que poderiam surgir no futuro, e a situação atual do reino. Em síntese, preocupações de país rico.

Resultado: foram convocados para reuniões governamentais emergenciais, todos os ministros, o Conselho de Guerra e os sábios Anciãos, para que se manifestassem sobre os altos índices de suicídio, sobre o decreto encontrado, e sobre a possível ligação, ou não, entre ambos.

Mesmo entre esses requisitados, a essa altura ninguém lembrava ou sabia dizer se a ordem havia sido revogada por outra ou não, porque, certa vez, pela falta dos reparos e para complicar a situação, houve um desabamento na biblioteca real – que ficara por muito tempo esquecida, como vimos – e por isso, muita coisa se extraviou.

Foram dias de estudos e discussões, até que por fim, ficou clara a relação do decreto com a situação do país, para o bem ou para o mal, conforme cada uma das duas correntes de pensamento que se polarizaram.

Uns, que valorizavam muito a riqueza e o poder econômico alcançado pelo país, diziam que na dúvida, era melhor manter o decreto em vigor, porque a tristeza fazia com que as pessoas trabalhassem mais, e enriquecessem o reino. Segundo eles, caso começasse a haver diversão, aquele lugar viraria uma bagunça, e acabaria ficando pobre de novo.

Outro grupo, que mostrou mais bom senso, estudou previamente e por todos os ângulos possíveis os efeitos que a manutenção do decreto poderia ocasionar, não se restringindo a avaliar a situação apenas sob o aspecto financeiro.

Concluiu que na dúvida, deveria haver a revogação expressa do decreto, argumentando que se a situação não mudasse, dali a pouco não haveria mais jovens para produzir, tamanha a taxa de suicídios dessa faixa etária até então. Corria-se o risco de que toda aquela riqueza acumulada não adiantasse de nada no futuro, porque se continuasse daquela forma, em poucas gerações, poderia ocorrer de nem existir mais o reino.

Os partidários dessas últimas ideias demonstraram que alguns outros povos coexistiam e aceitavam bem o sorriso e a alegria que ele irradiava, e mesmo assim, apresentavam taxas quase zero de suicídios. Portanto, não era ele o problema, e sim, a solução.

Concluíram, em suma, que por todos os motivos explanados, não haveria razão para manter o antigo comando real em vigor.

Com certa dose de razoabilidade, o jovem rei da época, cansado de ver tanta “cara feia”, e inspirado pela alegria de jovens músicos, comediantes e poetas de outros reinos, sobre os quais ouvira falar, resolveu revogar o decreto e reformar a biblioteca, seguindo o entendimento do segundo grupo consultado, o que, naturalmente, desagradou as pessoas que integravam o primeiro.

O monarca ordenou que se anunciasse por todo o reino, que todos poderiam voltar a sorrir, já que o decreto que proibia o sorriso havia sido revogado.

O povo ficou sem entender nada, porque ninguém lembrava mais da existência do Decreto da Tristeza, e muito menos do sorriso.

Os mais curiosos, que sabiam ler, correram aos seus Apontamentos mais antigos – correspondentes aos atuais dicionários – para ver o que queria dizer a palavra “sorriso” e descobriram que era uma “expressão facial que demonstra a alegria de alguém”.

E lá foram os que seriam hoje “assistentes sociais” do reino, explicar ao povo o que tinha acontecido e tentar ensiná-lo a sorrir, pois a falta do sorriso passou a ser considerada uma doença, tendo em vista o elevado número de mortes que provocava. Ou seja, já era um problema crônico de saúde pública.

Depois de revogado o Decreto, ninguém no governo compreendia como aquele mal pôde durar tanto tempo, sem que ninguém tivesse percebido.

A procura pelo aprendizado era muito grande, e não havia gente e nem tempo suficiente para ensinar todo mundo. Por isso, foi necessário abrir escolas públicas reais para ensinar a sorrir desde cedo. Mesmo assim, essas escolas não davam conta da grande demanda.

Apesar disso, muitas pessoas, principalmente as mais velhas, ainda sentiam vergonha de se expressar daquele novo jeito. Diziam que causava um “formigamento esquisito” no rosto, e o desfigurava.

Porém, os mais jovens queriam aprender logo, e aprender bem.

Alguns particulares aproveitaram a oportunidade e passaram a oferecer cursos de ensino do sorriso. Assim, pelas ruas, surgiram muitos mensageiros e cartazes com anúncios que os ofereciam, alguns dos quais transcreveremos abaixo, num paralelo, exatamente da forma como soariam hoje, para melhor entendimento do ocorrido.

Primeiro exemplo:

“Sorriso fácil em seis semanas! Venha para a nossa escola agora mesmo!”

Em outro, anunciava-se ou escrevia-se:

“Aprenda a sorrir em um mês! Primeira aula grátis!”

Mais ainda:

“Sorria já, pelo nosso método revolucionário! Não cobramos taxa de matrícula!”

Também havia outros, muito criativos, como:

“Sorriso básico e avançado, com grupos de prática de gargalhadas! Aproveite a promoção!”

Ou, então, mais chamativos:

“Jovem inventa método prático, inovador e fácil para aprender a sorrir rápido, e desbanca cursinhos! Veja mais...”

Também passaram a ser oferecidos no mercado, vários remédios que prometiam acabar com a rigidez facial, característica que segundo o senso comum, prejudicava o aprendizado dos que tinham mais dificuldade.

Geralmente, a “bula” com as recomendações de uso dessas medicações, explicava que elas deveriam ser usadas de forma conjugada com exercícios práticos diários, mostrando, assim, a sua própria inocuidade. Apesar disso, muitos não se davam conta de que estavam jogando seu dinheiro fora, e compravam o produto.

Havia ainda os famosos vendedores de elixires nas praças, costumeiramente acompanhados dos seus ajudantes velhinhos. Como demonstração de eficácia, estes tomavam o chamado “tônico do sorriso” e depois davam sonoras gargalhadas.

Isso fazia com que o estoque de tônicos dos velhacos se esgotasse rapidamente.

Mas nem precisava disso tudo, pois, com o tempo – que como sabemos, é o melhor remédio – o povo foi reaprendendo a sorrir naturalmente.

Os suicídios começaram a diminuir rapidamente depois da revogação, e os jovens começaram a florir as ruas novamente, desfilando com seus belos sorrisos. E alguns velhos também! Mas estes só mostravam as suas respectivas dentaduras, na verdade, porque ainda não tinham a prática, e a espontaneidade necessária para sorrir direito.

Houve casos em que a pessoa demorava, mas finalmente conseguia deixar o sorriso fluir naturalmente. Quando isso acontecia, o indivíduo se emocionava tanto, que franzia o rosto e ficava com os olhos lacrimejantes, de uma forma veemente e nova, pois alternadamente chorava e sorria, sorria e chorava, tudo na mesma intensidade.

Com a alegria se irradiando, muitas pessoas se interessaram em visitar, morar e até trabalhar no reino, que aos poucos foi perdendo a alcunha de “reino triste”, e passando a receber muitos imigrantes.

Mas alguns pequenos grupos não gostaram da revogação do decreto, e desejavam que tudo voltasse a ser como era antes. Apregoavam que as características e tradições do povo não deveriam ser quebradas, e por isso, resolveram começar a pregar o ódio contra os sorridentes.

Estavam presos aos equívocos do passado, e, coisa estranha, apesar de saberem do erro, persistiam nele. Mais ainda, tentavam justificá-lo, simplesmente porque não queriam mudar.

Esses fatos talvez só fossem compreensíveis por um viés psicológico: a necessidade que algumas pessoas têm de odiar alguém. E para esse ódio, que era como uma nova doença, ainda não havia remédio.

Por não gostarem de ver as pessoas felizes, esses grupos começaram a se organizar para agredir os referidos “diferentes”, assim considerados por eles.

Atacavam os que encontravam nas ruas e praticavam todo tipo de violência, principalmente contra os que vinham de fora, os quais culpavam por subverterem ainda mais o comportamento dos habitantes locais.

Consideravam que naquele reino não deveria haver pessoas sorridentes ou destoantes deles, quaisquer que fossem, porque tudo isso manchava as boas características adquiridas de suas nobres descendências.

Ignoravam que mesmo que houvessem diferenças, ser diferente não significa ser ignóbil.

Não se encontrava uma razão concreta para tanto rancor, mas era fácil perceber, nesses grupos, que seus integrantes tinham grandes frustrações pessoais.

Alguns admiradores deles, tentavam aparentar moderação, dizendo que não tinham nada contra, mas que também não gostavam, e ninguém era obrigado a gostar, deste ou daquele alegre e sorridente grupo, especificamente.

Com relação aos imigrantes, esses mesmos simpatizantes dos radicais, no fundo, igualmente os consideravam inferiores, e para tentar demarcar uma distância deles, opinavam que cada povo deveria mesclar-se apenas entre seus iguais. Tentavam, assim, passar a impressão de que era apenas uma questão de opinião, a fim de ocultar a mesma injustificável e irracional intolerância.

Desse modo, o ódio, representado por certos grupos, sempre estava de prontidão para retirar o sorriso do rosto das pessoas, e impressionava que fosse tolerado por muitos; na verdade, quase naturalizado.

Apesar disso, a grande maioria passou a viver feliz. E, mesmo quando foram instituídos posteriormente, alguns dias de folga na semana, para o convívio entre famílias e amigos, o povo continuou a produzir riquezas para o país.

Além disso, o trabalho passou a ser executado com alegria.

O reino se tornou ainda mais próspero, fosse com o trabalho dos que eram dali mesmo e tinham aprendido a sorrir, ou com o das novas e recém-chegadas pessoas sorridentes, as quais, inclusive, se sujeitavam a fazer quaisquer serviços, trabalhando duro e sem reclamar, geralmente cantando e alegrando os que estavam à sua volta.

E os felizes, que passaram a ser a maior parte, apesar de tudo, assim continuaram.

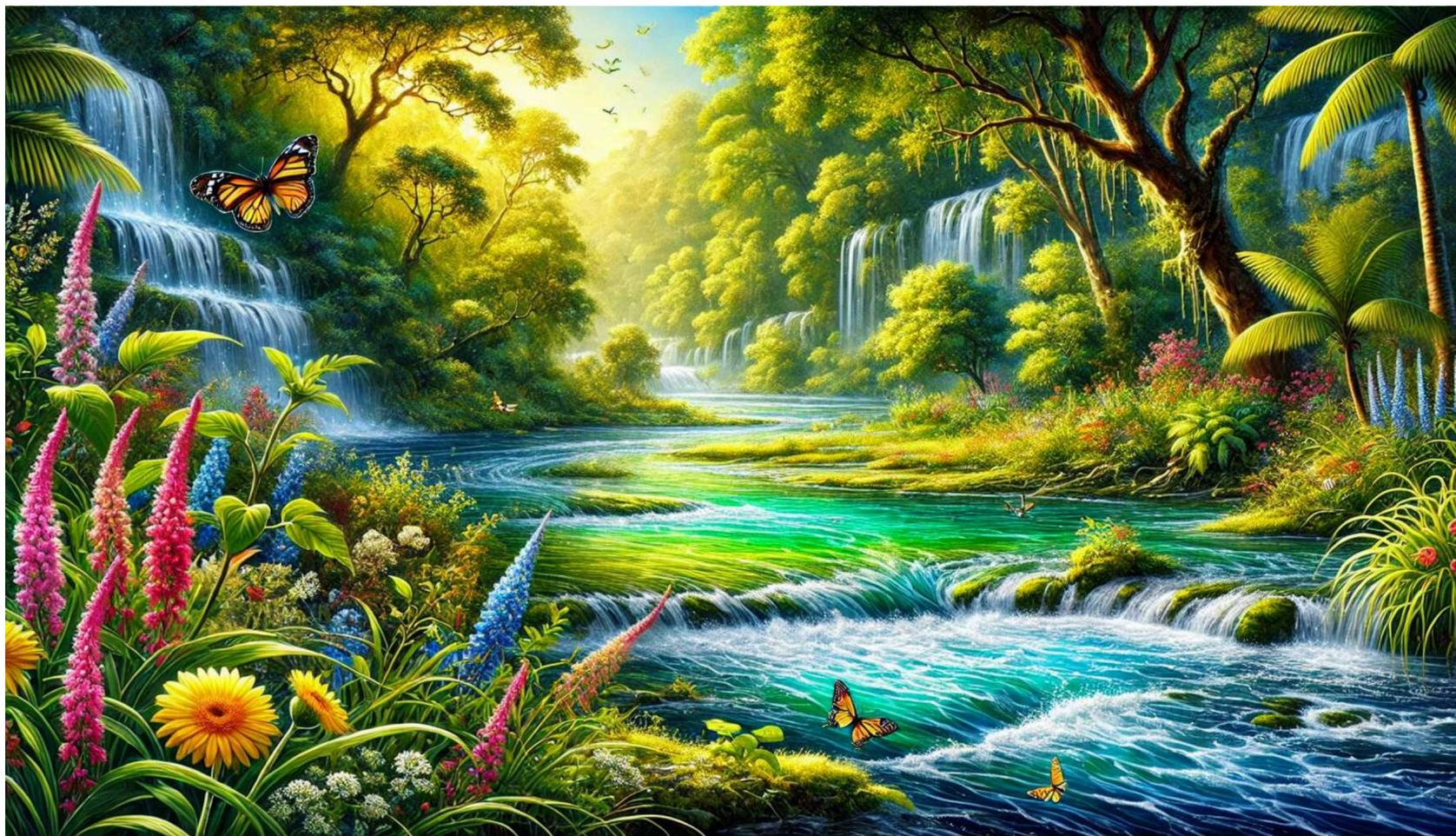
Os que odiavam, permaneceram odiando e infelizes, independentemente da classe social a que pertenciam.

Por fim, depois da revogação do Decreto da Tristeza, nem todo mundo viveu feliz para sempre no reino, porque permanecia o apego ao passado equivocado e o injustificável ressentimento por parte de alguns.

Mas certamente, a maioria passou a ter uma vida melhor, mais longa e muito mais saudável.

E foi assim que aconteceu.

# O PEQUENO RIO



No princípio, surgiu a natureza com todo o seu esplendor, composta de vários elementos e seres, que ajudaram a criar a vida na Terra e a moldar todo o seu relevo. Entre eles, havia um pequeno ser em particular.

Jovem e vibrante, ele surgiu como uma pequena nascente. Para não secar e morrer, teve que correr e se unir a outras nascentes semelhantes, com as quais se fundiu, logo se transformando em uma unidade chamada córrego.

Depois, incorporando outros corpos d'água sucessivamente, passou a ser riacho, o qual continuou se alargando e ganhando forma, até atingir o seu limite natural e tornar-se um pequeno rio, que passou a caminhar divertidamente por entre a paisagem.

Com o passar do tempo, esse rio viu que peixes e outros animais começaram a viver dentro dele, além de perceber também que estava surgindo uma maravilhosa flora, própria do seu lindo corpo.

Isso fez com que se sentisse muito orgulhoso e forte, e conclísse que controlava tudo, e que tudo girava em torno dele.

Por isso, ficou muito prepotente, achando que sozinho se bastava.

Ziguezagueava e brincava, bem ao estilo adolescente.

O tempo passou, e ele percebeu que apesar de correr e criar seus caminhos, abrindo sulcos na terra, algo poderoso o atraía para algum lugar, mas ele não sabia ainda o que era.

Como tudo para ele era alegria e experiência, em determinados (e raros) momentos, deixava-se levar por essa misteriosa atração.

Mas, normalmente, se sentindo desafiado, conseguia se espalhar por onde queria, usando toda a força que tinha, e aproveitando o embalo de algum declive, ou de largas rachaduras naturais do solo.

Depois, voltando às planícies, serpenteando, fazia curvas em forma de laços, o que o deixava muito contente com sua arte.

No entanto, logo aquela força invisível o cansava e o vencia, direcionando-o novamente para algum lugar do horizonte.

Até que, um dia, parou para ouvir algumas aves que nele pousaram para beber água. Elas conversavam sobre outros elementos que também existiam naquela terra. Uma delas disse:

— Que lindo rio é este! E veio bem a calhar, porque assim, nós podemos descansar.

Ao que a segunda respondeu:

— De fato, este rio é bonito, mas, pelo pouco que conheço da região, existe um bem maior que este, que atrai os pequenos. Mas nenhum rio se compara ao oceano, para onde se encaminham até as maiores águas, para com ele se juntarem.

Ele é tão vasto, que também é chamado Grandioso, Grande Água, ou ainda, Água Maior.

O pequeno rio, ouvindo aquela conversa, percebeu que era minúsculo em relação àquelas outras águas, mencionadas pelas aves.

Custou a acreditar que havia coisas maiores e mais bonitas do que ele, seus peixes e suas folhas.

Querendo saber se aquilo de fato era verdade, deixou-se levar na direção em que considerava ser a do Grandioso, como o pássaro falara.

Como tinha aquela falta de paciência, própria da juventude e estava muito ansioso, a certa altura, achou que estava demorando muito para chegar. Por esse motivo, durante o trajeto – que ele considerou monótono – sentiu um imenso vazio e uma sensação de solidão que não sabia de onde vinha.

Não compreendia o porquê de nunca chegar onde deveria desaguar, se era aquele o vaticínio de um pequeno ser.

Sentiu-se excluído e ficou revoltado, pensando que havia sido abandonado pelo destino.

e suas lágrimas tomaram a forma de lindas e pequenas cachoeiras enfileiradas.

Desconfiou então que talvez não fosse completo, que podia ser que precisasse de algo mais, ou seja, de alguma coisa que preenchesse a lacuna recém-descoberta que existia dentro do seu ser. E assim nasceram suas dúvidas a respeito da Grande Água: se ela tinha, ou era ela mesma a resposta.

Em determinado momento, voltou a seguir os seus impulsos, e por conta própria começou de novo a riscar a paisagem, para ver se a antiga felicidade retornava.

Quando tinha chance, alterava o aspecto dos lugares por onde passava. Mas, agora, já não tinha a mesma felicidade que sentia lá no começo, com o que fazia.

Ao mesmo tempo, oculta no interior de suas águas, permanecia a inquietação sobre a possibilidade de que talvez a sua essência não fosse só aquilo.

Até que um dia, chegou perto da grande montanha.

Embora, lá no fundo, ainda amaldiçoasse seu desconfortável questionamento interno, procurou ser muito claro e educado com ela:

— Olá, Sra. Montanha, sei que ambos, somos seres criados para viver neste ambiente. Mas eu andava meio desanimado com minha situação presente, sabe?

Apesar disso, resolvi seguir em frente, do meu modo, e buscar a felicidade novamente.

É por isso que, com todo o respeito, levando em conta esse esclarecimento, e o fato de que a senhora é feita do mais duro rochedo, venho pedir licença para passar aqui por baixo, desviando do seu rijo e enorme pé, discretamente, formando uma espécie de semicírculo, para que eu possa continuar minha jornada.

A montanha, olhando para baixo, assim se expressou:

— Olá! Desistiu de encontrar a Grande Água, pequeno?

— Como a senhora sabe que antes eu a procurava, para poder me sentir completado?

— Oh, oh, oh, pequeno ser, repleto de outros seres vivos! Como você foi muito educado, só por isso, já merece ser recompensado. Então, preste atenção e ouça agora a minha humilde resposta:

Encontrar o Grandioso, em geral, é o destino natural dos rios. Há poucas exceções, meu caro riozinho itinerante.

Mas, por causa da altitude do terreno, da sua falta de força, e pelo que vejo aqui de cima, você não conseguirá vencer as serras e os grandes planaltos que estarão no seu caminho. E do jeito que está agindo, será impossível alcançar seus objetivos.

Como consequência, poderá se tornar um rio endorreico, como são chamados os que nunca encontram a Água Maior.

A Sra. Montanha, vendo que o rio ficou cabisbaixo, buscou consolá-lo, mas, além disso, queria lhe dizer algo útil, que pudesse ajudá-lo na sua caminhada:

— Ora, ora, mas não desanime! Nem tudo está perdido, porque ainda há um jeito de solucionar esse problema!

O rio voltou a ficar animado:

— É mesmo, Sra. Montanha? Pode me dizer logo o que fazer? Fiquei tão ansioso que mal posso esperar a sua resposta!

— Claro que sim, jovem curso d'água:

Daqui do alto eu vejo e falo com propriedade, que se você deixar de lado esse orgulho que tem em seu leito; não resistir ao natural chamamento; tiver um pouco mais de paciência, e se dirigir para o leste, encontrará o Grande Rio.

Então, a partir dele, chegará ao seu destino, desde que ouça o que ele tem a lhe ensinar, e obedeça ao seu chamado.

O pequeno rio refletiu, mas não conseguiu acreditar no que ouviu. Continuou a seguir o seu caminho da maneira que desejava, resistindo às forças naturais, e ignorando completamente o bom conselho recebido.

Entretanto, após encontrar vários obstáculos intransponíveis no trajeto, aqueles mesmos citados pela Sra. Montanha, não conseguiu seguir em frente, e precisou mudar o seu curso.

Foi então que em certo momento, avistou de novo a grande montanha, e entendeu que estava voltando para o mesmo lugar.

A diferença era que, agora, claro, teria que atravessá-la pelo outro lado, oposto ao anterior, pelo qual já havia passado, de modo que o grande rochedo, acabou ficando rodeado por dois filetes de água.

Vendo o rio de volta, a bondosa montanha, com os pés molhados, voltou a lhe aconselhar:

— Jovem e teimoso rio! Lembre-se de tudo o que eu disse anteriormente, e siga para o leste, na direção do Grande Rio, senão, você vai acabar em um grande deserto.

Seguiu-se, então, um longo sermão da Sra. Montanha, dirigido ao Pequeno Rio, que viu que ela tinha toda razão, e teve que se calar.

Reconhecendo que estava errante e que, desse jeito, acabaria não encontrando o que buscava, o pequeno ser agradeceu, beijou os pés do enorme rochedo e foi ao encontro do Grande Rio, pois já estava cansado de vagar em vão.

Mais maduro, procurou agora com mais paciência o caminho, e sem resistir, ou seja, deixando-se levar completamente, e seguindo o intenso desejo do seu álveo, de aceitar a sua existência.

O Grande Rio, por sua vez, já o procurava há tempos e, nesse ínterim, já o havia aceitado, cheio de contentamento, pois percebera a transformação pela qual ele havia passado, e que findaram os tempos de vaidade de outrora, quando o pequeno ser ainda lhe oferecia muita resistência.

Até que um dia, viram-se lado a lado, o Pequeno Rio e o Grande Rio, sobre o qual a montanha havia comentado. O primeiro viu então, que não era tudo invenção.

Estava tão alvoroçado, o menor, que não sabia o que falar. Mas nem precisava dizer nada, porque era momento de sentir apenas, e de agradecer a oportunidade.

O Grande Ser disse, através de um estrondoso marulhar:

— Venha, una-se a mim, e vamos juntos na mesma direção!

O Pequeno Rio, passou a ter certeza do que, mesmo com todo o seu orgulho, já desconfiava lá no começo: de que não somos onipotentes; que os pequenos seres precisam de alguém que lhes mostre o caminho e que os complementem de alguma forma; e com ele não era diferente.

E, assim, o pequeno rio, numa bela desembocadura, juntou-se ao Grande, e junto com ele, partiu em direção ao que tanto procurava: iria finalmente encontrar o mar.

# RODA PIÃO, RODA!



Dentro de uma enorme garagem, dentre vários outros brinquedos, havia um velho pião, que se encontrava desolado, porque não entendia a razão de estar ali, e nem o motivo do fim daqueles dias agitados, em que por todos os lados havia crianças alegres e sorridentes, que por sua vez, tratavam os seus brinquedos com tal cuidado, que era como se estes fossem suas próprias crianças também, tal a atenção especial que tinham com eles.

O pobre pião, não tinha nenhuma noção de tempo, que para ele se passava em um ritmo bem diferente do que transcorre para nós, humanos. Mas, mesmo assim, ele já sentia algumas ausências.

Por isso, por vezes, pensava que talvez fosse o clima o culpado, vez que não raro, por ali, depois das chuvas o tempo mudava: esfriava, geava, e algumas vezes até nevava. Isso fazia com que as pessoas fizessem menos atividades, especialmente aquelas que eram ao ar livre, ou exigiam um clima mais aprazível.

Acreditando ser esse o problema, o pião desejava que mudasse logo a estação, para poder sair de onde estava, e voltar a brincar nas varandas ou no pátio das escolas.

No entanto, ele sabia que também podia ser rodado no interior das residências, e ao perceber depois, que as estações se sucediam, e ainda assim ele continuava abandonado, concluiu, por consequência, que havia outros fatores além do clima, pois nem tudo ficara explicado.

Resolveu conversar sobre isso com os outros brinquedos, que ali também estavam estocados.

Dona Bolinha de Gude concordou com ele, e aproveitou para falar sobre a sua própria situação:

— Também já reparei nessa falta de movimento, e da mesma maneira, sinto saudades de algumas coisas, como andar chacoalhando nos bolsos, dentro de sacos plásticos ou de recipientes de vidro, pulando de um lado ao outro, porque era assim que tantas vezes eu era carregada.

Jogavam comigo quase todos os dias, e eu era muito disputada!

Lembro que nesses tempos, ninguém ficava parado. Ah...! Como a vida era divertida e agitada!

Mas parece, Sr. Pião, que o senhor tem mesmo razão, no que disse ter reparado. Tudo está, de fato, mudado.

Por ali também estava a Sra. Pipa, que, entrando na conversa, completou:

— Pois é, igualmente, percebi a diferença! Embora eu ainda seja requisitada, já não é mais como antigamente.

Hoje, as crianças preferem as parafernálias eletrônicas. Inclusive agora, existem aviõezinhos que sobem ao simples apertar de um botão, e quando eles voam, os meninos ficam fascinados! Nem precisam ser montados, como nós, que nascíamos primeiro na imaginação deles, onde antes deveríamos ser criados.

Isso suprime uma etapa importante desta agora antiga (para alguns), mas saudável brincadeira. Só de vez em quando as crianças se lembram de nós, o que, diga-se de passagem, está ficando cada vez menos frequente...

Virou resenha total, e o Sr. Carrinho de Madeira, entrou na choradeira geral:

— É verdade, Sra. Pipa! Os brinquedos eletrônicos, de fato, estão nos substituindo.

Assim como existem os aviões que a senhora mencionou, hoje os carrinhos também são elétricos, dirigidos por controles remotos, e percorrem longas distâncias. O resultado disso é que atualmente, raramente experimentamos o toque das mãos infantis; aquela calorosa e agradável sensação de pertencimento, ou aquele abraço aconchegante de alguns meninos, que dormiam abraçados com a gente.

O exercício da imaginação diminuiu, porque muitas das coisas que eram inventadas, agora são encontradas dentro de uma caixinha, portada pela criança.

O Sr. Carrinho de Rolimã, igualmente, não perdeu a oportunidade de “dar o seu pitaco”:

— Pois então! Eu também acho que tudo está transformado! Até a madeira, por causa da devastação das matas, está sendo difícil de encontrar. Eu me preocupo muito com isso, porque é um dos materiais necessários para me fabricar.

Lembro-me muito bem da sensação de estar sendo criado. De ir ganhando vida aos poucos, com a construção do meu corpo: eixo, direção, e colocação das rodas.

Aquilo partia do sentimento do meu criador e, por mais que demorasse, ou eu ficasse imperfeito, como tudo vinha do coração, a pessoa sempre ficava apaixonada por mim.

E a interação com os outros então? Era uma coisa encantadora, uma vez que era necessário um impulso inicial para eu andar, porque, como vocês sabem, é claro, uma criança se sentava e a outra empurrava.

Portanto, de plano, a atividade já envolvia no mínimo duas pessoas, o que ensinava muito sobre convivência.

Interessante era que se houvesse um declive depois do lugar de partida, eu ganhava uma velocidade danada!

Mas não era só isso. Existiam inúmeras competições comigo, em pistas especialmente escolhidas, onde se reuniam crianças, pais, e até mesmo torcida.

Havia cerimoniais de abertura e encerramento, anunciantes, patrocinadores, narradores, muita agitação!

Além disso, todos os carrinhos eram numerados, e ao final, havia a premiação dos vencedores, que eram anunciados pomposamente.

Tudo isso, realmente, como disse a Sra. Pipa, não é mais tão valorizado. Apesar de, assim como ela, eu ainda ser usado, isso só acontece em momentos muito especiais, e mesmo essas ocasiões, agora são mais raras...

Dizem até que as referidas transformações estão produzindo efeitos negativos nas crianças, que começaram a ganhar peso, o que é resultado dessas mudanças.

Feliz é a bicicleta, que não é só um brinquedo, ainda que assim fosse considerada, ainda está muito na moda.

A Sra. Bicicleta, ao ser mencionada, logo responde:

— É, mas, mesmo assim, semelhante a vocês, já não sou mais tão procurada, porque os espaços para pedalar estão diminuindo e ficando perigosos.

Contudo, uma das principais razões para eu ser menos acionada, é que os meninos, e até os adultos, agora passam muito tempo com os olhos fixos naquela pequena tela retangular, a qual já nos referimos, e só lembram de mim vez ou outra, quando então passeiam um pouco comigo. Mas logo me abandonam novamente num canto, e voltam a se concentrar naquela tela.

Nessa conversa, o Sr. Pião confirmou tudo que já suspeitava. Triste, tentou se movimentar sozinho, de maneira apavorada. Mas a Sra. Gravidade não deixava, porque faltava uma força inicial que o impulsionasse.

Um dia, um colecionador apaixonado tomou conhecimento daquele lugar, ficou sensibilizado e decidiu comprar todos os brinquedos que estavam ali esquecidos ou abandonados, ainda que, em sua infância, muitos deles não tivesse tido.

Então, ansioso, fez logo girar o velho pião em sua varanda, premido de muita saudade. Colocou no giro toda a sua força, que acabou se conectando a um vento imprevisível e muito forte, que veio soprando do Norte.

Era tal a intensidade da ventania, que acabou levando o brinquedo. Este, por sua vez, embora girasse no ar, e agora se sentisse realizado, viu que o seu rumo, a partir dali, ficou legado à própria sorte.

E o alegre Pião saiu girando em looping, algo que jamais fizera antes. Passou por vários lugares, ganhando de novo os pátios das escolas e as varandas das residências, de modo que nunca parava.

Todos os dias para ele, passaram a ser ensolarados.

No céu, viam-se parcas e finais nuvens, que não eram suficientes para encobrir o lindo azul do céu, que chamamos de azul-celeste.

Ficou tão empolgado, o Pião, que acabou por desobedecer às Sras. Gravidade e Resistência do Ar, pois continuou seus movimentos entre aquelas finas nuvens mencionadas, e após o anoitecer, também entre as estrelas, à luz das quais frementemente girava.

Era uma felicidade sem fim, que lhe lembrava os bons tempos do seu glorioso passado.

Até que sumiu no horizonte, e nunca mais retornou.

Quem sabe foi morar em um planeta distante, onde as coisas apreciáveis da vida duram muito mais, porque os dias por lá, hão de passar bem mais lentamente.

Ao fim e ao cabo, essa história nasceu de alguém que sonhava, e sereno, recordava seus idos tempos felizes. Da época em que se brincava com vários destes brinquedos lúdicos, inclusive com o velho Pião, que agora se libertava do tempo.

Mas seria um sonho de pião ou de gente?

Não sei, e meu caro leitor intrigado, porém, isso não muda a nossa história!

Só posso dizer, que era uma criança grande que sonhava...

# UM CONTO ESTELAR – A HISTÓRIA DE UM PLANETA DISTANTE



Há milhões de anos atrás, em um planeta muito distante, moravam STrik e STrok, dois especialistas, um em pesquisa de energias, e o outro em exploração, respectivamente.

STrik fazia pesquisas de o que, e onde explorar, e STrok se dedicava posteriormente, à extração dos recursos energéticos encontrados.

Como cada fase ou nova exploração, naturalmente, exigia um novo e prévio planejamento, tinham de trabalhar sempre juntos, e com seus quadros técnicos coordenados.

Apesar de todo o bom desempenho no exercício de suas tarefas, com o tempo, em função do consumo desproporcional aos recursos disponíveis, ocorreu uma crise de escassez de energia no planeta.

Para suprir essa falta, eles ficaram encarregados de descobrir novas fontes em outros lugares, em locais mais próximos ao que viviam ainda não inexplorados, ou em luas e planetas mais distantes, até o limite do alcance da tecnologia disponível, na época.

Isso porque as fontes energéticas conhecidas até então, rapidamente se esgotavam.

Tanto pesquisaram, que de fato, encontraram muitos outros recursos no sistema planetário onde viviam, e logo passaram a extraí-los.

Como STrik e STrok foram bem-sucedidos inicialmente nessa nova empreitada, eles se empolgaram com o sucesso. Se sentiram felizes e realizados, e acabaram até sendo condecorados, porque era verdade que o trabalho dos dois e suas equipes, até aquele momento, realmente era muito bem realizado.

No entanto, apesar de extraírem muito mais energia, o consumo não parava de aumentar, e isso acabou gerando por lá, os mesmos problemas que enfrentamos atualmente aqui na Terra, como se verá:

---

Conto que deu origem ao livro "Alguns ETs em minha vida" (obra no prelo).

Da forma mais inesperada, começaram a ocorrer, de repente, intensas tempestades, fortes períodos de seca e, em alguns lugares, até inundações catastróficas.

E tudo isso acontecia com cada vez mais frequência.

Houve a necessidade de se realizar um estudo detalhado para analisar o que ocorria, e encontrar uma possível solução para a questão.

Foi então que se descobriu que as explorações de recursos, de qualquer planeta ou lua, sem levar em conta as suas consequências, como estava acontecendo já naquele tempo e lugar do universo, fazia com que os rumos da natureza acabassem sendo alterados. Então, esse era mais um problema que precisava ser resolvido.

Concomitantemente, viu-se que também era preciso resolver problemas paralelos, como os de falta de infraestrutura e a desigualdade, que ainda existiam por lá, na ocasião, porque afinal, os afetados por essas condições, eram os que mais sofriam com os efeitos das mudanças, tal como ocorre aqui.

Tudo isso só comprovava que apesar de grandes recursos terem sido aplicados na exploração de energia, até então, outras áreas sensíveis tinham ficado abandonadas.

Assim, surgiu a necessidade de que governo e povo se conscientizassem de todas essas dificuldades.

Teve início uma campanha de informação e combate à pobreza, direcionada a todos os habitantes do planeta. Essa mobilização incluía, inclusive, altos investimentos em educação – principalmente a ambiental – o que felizmente, para eles, acabou gerando uma revolução em termos de trato com o meio ambiente.

STrik e STrok passaram a agir novamente, mas agora de forma mais consciente, e com o apoio de todos aqueles que estavam preocupados com os efeitos negativos, decorrentes da continuidade de uma irresponsável exploração.

Com dedicação e trabalho, os bons resultados foram alcançados, porque a campanha reduziu as desigualdades e consolidou na consciência do povo, que colaborar para a preservação da natureza e de cada planeta – dos mais próximos aos que ficavam mais além – era uma questão de necessidade, para que se pudesse viver com saúde, segurança e dignidade.

Com a continuidade das pesquisas e explorações, agora realizadas de uma maneira diferente, descobriram recursos que podiam ser renovados, como a energia da luz das estrelas e outras do mesmo tipo, que eles encontraram.

Após dezenas de anos, o resultado da conscientização ficou ainda mais claro, pois todo aquele planeta e o sistema onde estava inserido, se viu mudado para melhor.

Eles puderam então concentrar seus esforços no enfrentamento de desafios maiores, como eram para eles, na época, as viagens mais longínquas pelo espaço.

Obtido o sucesso nessa jornada, acabaram encontrando novas civilizações, e descobrindo finalmente, que não estavam sós no universo. Apesar das novas descobertas, não interferiram nos destinos desses outros povos, para não lhes retirar o direito de autodeterminação. Ou seja, optaram por deixá-los em paz, para que seguissem o seu destino natural.

Seguiremos nós, os exemplos do planeta de STrik e STrok?

# A REPÚBLICA DOS CÃES, O CONTO



## O início

Há muito tempo, em um continente que ainda não era assim tão grande, em termos de território contínuo, ocorreu um fato muito estranho, algo que talvez, jamais houvesse ocorrido em parte alguma do mundo, até então.

Contaremos essa história com satisfação, e com a maior fidelidade possível, para que vocês a apreciem, façam suas reflexões e depois, tirem suas próprias conclusões.

Advertimos que durante a narrativa, faremos uso das inevitáveis adaptações de linguagem, que será transposta para a dos humanos dos dias atuais, bem como também, de vários paralelos com o mundo dos homens, para facilitar a narrativa e a noção de como se sucederam os fatos.

Começemos:

Naqueles dias, depois de milhares de anos de convivência dos cachorros com as pessoas, a humanidade passou a vivenciar um fenômeno deveras inusitado: os cães começaram a desaparecer dos seus lares humanos.

Por todos os lugares, o fenômeno estava acontecendo, e as pessoas que em princípio, como se sabe, tinham muito amor pelos seus “animaizinhos”, começaram a ficar desesperadas.

Seria o fim da era dos cachorros como “bichos de estimação”?

Apesar disso, ninguém entre os homens suspeitou, por um bom tempo, de uma possível migração voluntária, pois acreditava-se que essa fuga estava sendo causada por algum outro fator, ainda desconhecido para eles.

---

Conto que deu origem ao livro A república dos cães (obra no prelo).

Quando conseguiam associar alguns cachorros perambulantes aos seus “donos” – pelo menos os que tinham donos conhecidos – esses eram devolvidos aos seus lares e, depois, tornavam a desaparecer.

Mesmo diante dos acontecimentos, uma parte das pessoas fechava os olhos para o problema, e se recusava a enxergar a realidade, querendo acreditar em um estado de normalidade, justificando a situação ao argumento de que ao longo da história, era comum que alguns cães costumassem fugir de seus donos.

Não percebiam a dimensão do problema e, por isso, foram apelidados de negacionistas.

Voltando um pouco mais na linha do tempo, a explicação inicial para a voluntariedade desse fenômeno, é que houve uma convenção de Cães Notáveis, grupo considerado revolucionário entre os então canídeos domésticos, que resolveu dar por encerrada a parceria com os humanos, e buscar sua própria autonomia.

Decididos, puseram-se em marcha, à procura de um lugar para a realização dos seus ideais. De início, o grupo era pequeno.

Depois de muito vagarem, resolveram se refugiar em uma grande floresta, ainda desconhecida e inacessível para os humanos daquele tempo, o que possibilitou que ficassem protegidos, tanto pela distância quanto pela densidade da mata.

É certo que no caminho, lá atrás, em local agora bem distante, foram avistados alguns lobos.

Mas os cães nada temeram, porque compreendiam que ambos, lobos e cachorros, tiveram um passado comum em algum momento, e de certa forma eram parentes, quase irmãos. E, apesar de os cães terem se tornado uma nova espécie, agora bem diferente deles, imaginaram que ainda assim, não surgiriam conflitos.

Além disso, havia distância suficiente entre eles, e espaço para todos, dada a imensidão daquela floresta.

Por isso, decidiram que aquela era uma área distante e segura o suficiente, e resolveram estabelecê-la como seu lar definitivo, como queriam, para, enfim, obterem a sua desejada independência, almejada, além de outros, pelos motivos que se seguirão:

Quase todos aqueles cães fugitivos haviam sofrido algum tipo de maus-tratos por parte dos seus “donos”. Eles diziam, em seus discursos, que “estavam cansados de serem obrigados a agir docilmente por tanto tempo e tempo todo, tal como imbecis, depois de serem maltratados, tendo que suportar e aceitar tudo de ruim, em troca das migalhas que seus ‘proprietários’ lhes ofereciam”.

Mesmo os que eram bem tratados, tinham a sua coleira.

“Ah... a coleira! Vocês dizem que me amam, mas me põem numa coleira e me tratam? E ainda me chamam de melhor amigo!” – pensavam. “Que espécie de amor é esse? Que despropósito, que decepção!”

Consideravam revoltante receber ordens constantes, como: “Deita! Levanta! Vai buscar! Rola! Volte...” Incitações incessantes, mesmo quando já estavam extenuados e queriam descansar.

Sem contar os chutes e outras coisas bem indecentes que faziam com eles... Além disso, lembravam que “depois de sofrer, ainda tínhamos que abanar o rabinho em sinal de subserviência. Essa era a pior parte! Era muita humilhação!”

Naquele momento histórico, eles foram os que, de maneira inédita, tinham resolvido que já era hora de se tornarem autônomos e de “acabar com aquela farsa de viver na dependência de um ‘dono’, de ser uma ‘propriedade’ e, ainda por cima, ter de por vezes, fazer coisas humilhantes, só para tentar sobreviver e ter o seu pão de cada dia garantido”.

No entanto, apesar dessa revolta, esses fundadores já tinham, naturalmente, a ideologia de liberdade enraizada dentro deles.

Foi desse modo, e por esses fatores que resolveram fugir, e, depois, estabelecer naquele lugar a sua República, a “República canina”, que, mais tarde, na história, ficaria conhecida simplesmente como “República dos cães”, o que dá no mesmo.

Decidido o plano e escolhido o lugar para se instalarem, acordou-se pela necessidade de, entre eles, nomearem-se mensageiros e enviá-los a todos os cantos do mundo, para comunicarem o que tinha sido decidido pelos Notáveis, e anunciar o local onde seria fixada a “Grande comunidade”, como popularmente alguns deles também a denominavam.

Os cães que quisessem, poderiam fazer parte dela, desde que, claro, obedecessem a um conjunto de regras, que seriam debatidas quando o processo de instalação estivesse concluído.

A principal recomendação era de que, por segurança, nenhum cão poderia se dirigir diretamente para o local. Teriam que dar voltas, fazer um caminho mais longo para tentar despistar, e seguir uma espécie de cronograma, para que os cães se deslocassem de uma maneira programada, em um número não muito grande de cada vez, a fim de que os guias conseguissem dar conta de acompanhar todos.

Tudo foi supervisionado pelos cães-mensageiros, que serviam também como cães-guia para os que quisessem ir. Entre esses mensageiros estavam os irmãos Bernardo e Son, que ajudaram muito no trabalho de deslocamento, praticamente liderando toda esta parte do planejamento.

Bernardo e Son tiveram uma infância muito feliz juntos, mas depois que mudaram de “dono” – porque o anterior havia falecido – eles passaram a não ser tratados tão bem, para dizer o mínimo.

Decepcionados com isso, um dia confabularam e resolveram seguir com o grupo dos Notáveis, pois tinham a esperança de uma nova vida, assim como todos os outros que seguiram nessa direção.

Bernardo, impetuoso e espontâneo, quase sempre seguia seus impulsos, e por isso, às vezes era criticado por seu irmão. Apesar disso, no fundo, Son o admirava, e o considerava um cão de muita coragem. Mas, achava que era uma coragem meio louca, porque Bernardo costumava fazer o que chamamos hoje de “ir na onda”, ou seja, aderir a qualquer coisa que lhe parecesse nova e interessante, como atualmente se segue uma moda.

Son o chamava de “Cabeçudo”.

Son, por sua vez, era mais reflexivo, cauteloso e relutante, e, por isso, era igualmente criticado pelo irmão mais velho, que o achava muito lerdo. Mas também só às vezes, porque, ocultamente, admirava a inteligência e a temperança do irmão; exagerando, o chamava de “Dentuço”.

Ambos divergiam a respeito de alguns assuntos, como por exemplo, sobre o estilo de vida que levavam os cães que vivam isolados, chamados de “cães monges”. Um destes era Fil, amigo de Son.

Esses cães se caracterizavam por serem inteligentes e, em geral, mais velhos e experientes. Eram poucos e esparsos, e por isso, ninguém se importava com eles, já que não representavam problema para ninguém. Por vezes, até eram confundidos com lobos.

Bernardo não gostava deles porque os considerava egoístas. Acreditava que se fossem mesmo mais desenvolvidos e tivessem um saber maior que o dos outros, não ficariam “ensimesmados em si mesmo” e ajudariam os cães coletivamente, ao invés de ficarem no individualismo.

Era assim mesmo que ele os descrevia, para destacar a sua ideia. Mas Bernardo não era um cão burro, e sabia que a sua expressão era redundante.

“Um saber só para si, não tem utilidade nenhuma, porque isso significa que não se faz nada por mais ninguém. De que adianta ter uma alma elevada se nosso mundo anda a desabar?” – questionava ele, referindo-se ao mundo dos cães, evidentemente.

Mas Son gostava deles, principalmente de Fil, e achava que de alguma forma eles ajudavam, como, por exemplo, compartilhando, seus conhecimentos por meio de ensinamentos.

Importante para esta história, é destacar o fato de que, quando Son estava triste, ele andava longas distâncias só para falar com seu amigo Fil, que sempre lhe dava preciosos conselhos.

Uma das frases que ouvira dele, que nunca se esquecera, e martelava sua mente naquele momento, dada a situação e as escolhas que teve que fazer, dizia: “Lembre-se: não tente conquistar o mundo externo antes de conquistar a você mesmo, porque, ao fim e ao cabo, há um mundo dentro de você”.

Fosse lá o que isso significasse, parecia muito importante, diriam os outros cães. Porém, Son entendeu perfeitamente a mensagem.

Enfim, dando continuidade à nossa história, com o plano de migração em andamento, alguns poucos cães, por medo, nunca quiseram sair de seus lares humanos, rumo ao desconhecido, e preferiram ficar acomodados onde estavam, tanto alguns que eram bem tratados, quanto outros que não o eram. Estes últimos, por sinal, acreditavam que de alguma forma, o Grande Cão Criador os protegeria.

Aliás, esclareça-se que por influência dos inúmeros milagres ocorridos com os humanos, e testemunhados pelos cachorros, estabeleceu-se entre maioria deles, a mesma crença em um ser superior, do qual emanavam princípios éticos semelhantes aos estabelecidos pelo Deus dos humanos.

Em todo caso, surpreendentemente, houve a adesão de um grande número de cães nessa segunda leva, os quais passaram a formar a maioria. Isso devido a uma nova reflexão por parte deles sobre a sua situação, conjugada à empolgação que os contagiou, depois de tomarem conhecimento das boas novas que vieram da futura República.

Apesar desse acontecimento inesperado ter sido bom, ele ocasionou um total descontrole no processo de deslocamento, que se desorganizou completamente por um bom tempo, gerando um tumultuado trâmite de cães pelas ruas. Mas, posteriormente, tudo foi reorganizado.

## A Instalação

No refúgio, a chegada de um grande número de “animais” fazia a alegria dos idealistas organizadores daquela sociedade, que entediavam que podiam mudar o modo de vida dos cachorros infelizes. Afinal, alguém tinha que fazer isso. E por que não poderiam ser eles? Por que sempre esperar que os outros tomem a iniciativa das coisas? Que os outros é que façam?

Esses eram os questionamentos, e ao mesmo tempo, as motivações.

Com o grande número de indivíduos, nasceu a necessidade de um grande número de regras para regulamentar a convivência, já que nessas circunstâncias, os conflitos começariam a aparecer.

No caso deles, havia muitas indagações, tais como: quem vai fazer xixi primeiro e em qual árvore? Onde pode e onde não pode fazer cocô? Como dividir a alimentação? Qual a parte de contribuição de cada um nos trabalhos indispensáveis? Quem resolve os conflitos?

Esses problemas podem parecer muito básicos e banais para nós, mas eram muito importante para eles.

Também surgiriam outros contratemplos inesperados, mais tarde, quase tão diversos como os que temos entre nós humanos, hoje em dia.

Apesar de todos esses desafios, via-se que os “bichos” estavam felizes, por fazerem parte do da história do surgimento de uma nova era para a sua espécie.

# A Fundação da República

E assim, foram criados os preceitos básicos da República dos Cães, cujos principais tópicos, declarados em reunião, mencionaremos abaixo:

1º – Esta Assembleia anuncia a criação da República Canina, e estabelece regras e princípios básicos referentes aos deveres e direitos dos cachorros, seres com plena capacidade de escolha, e protegidos em sua integridade, dentro desta República.

2º – Não haverá distinção de cão por raça, cor, gênero ou outra forma de diferenciação, senão pela capacidade de cada um; e se um cão não for capaz de nada, ainda assim, terá o direito de ser incapaz.

3º – Todos os cachorros são iguais perante esta República.

4º – O cão tem o direito de defender-se de outro cão que tente lhe tirar a posse legítima de seu osso, ainda que esteja velho, mordido e desgastado. No entanto, caso tenha mais de um, não poderá impedir o uso do segundo por outro cão, desde que este último não tenha um próprio.

5º – Todo cão deve colaborar com a organização da República e para o bem comum, de acordo com a função que lhe for atribuída e dentro de suas possibilidades, nos termos das orientações que serão expedidas por cada uma das autoridades caninas.

6º – É obrigação de todos, exigir o cumprimento dos preceitos desta Assembleia, e denunciar injustiças quando presenciá-las, sob pena de, em caso de conivência ou omissão, também responder por elas.

A conduta será considerada omissa quando houver uma falta de agir por qualquer motivo, como a indiferença ou o comodismo.

7º – As funções básicas iniciais se dividirão em cães: julgadores, vigilantes, repartidores de provisões, coletores, pescadores e cantores.

Essas funções poderão ser mudadas a pedido ou por outro motivo importante, por meio de decisão em assembleia específica, nos termos das orientações complementares, que serão expedidas por cada uma das autoridades.

8º – Todas as autoridades serão eleitas mediante consulta popular, dentro da sua região de atuação, se for o caso, incluindo os julgadores e repartidores de provisões, que serão afastados imediatamente para investigação, em caso de suspeita de irregularidades.

9º – A existência de autonomia em uma região canina, caso sejam necessárias divisões, não impede que os organizadores centrais fiscalizem a correta aplicação das presentes orientações nas subdivisões.

10 – Haverá assembleias regulares para eleição dos Notáveis Administradores, responsáveis pela direção da República, sendo vedado aos vigilantes e aos julgadores se candidatarem a tais cargos, quando em atividade nas suas respectivas e específicas funções.

11 – Estas orientações, devidamente aprovadas, entram em vigor imediatamente.

12 – Ficam revogadas as disposições em contrário, também imediatamente.

A última orientação foi só para dar um charme, visto que ainda não havia disposições em contrário, já que se tratava da primeira Assembleia de Orientações Gerais da República dos Cães, base para todas as outras que surgiriam.

Os cães cantores, que, além das festividades, também ficaram responsáveis pela preparação dos quitutes caninos nessas ocasiões, não perderam tempo, e logo organizaram a primeira festa: a de inauguração

Nela, foram apresentados vários estilos musicais.

Na programação musical popular, houve apresentações de dupla de cães, cantores solo e em grupo, que era similar ao nosso coral. Depois, começaram as execuções das canções equiparadas às nossas músicas clássicas, que tinham latidos mais compassados, iniciadas com as mais alegres, sinalizando uma nova vida para todos.

Seguiram-se então, as execuções das melodias mais tristes, que representavam a despedida que se fazia do mundo humano, o fim de um ciclo. Encerrou-se com o retorno das mais alegres, que significavam o surgir de uma nova e feliz era. Depois, vieram os contadores de história e os mímicos.

No “cardápio”, para beber, havia água da chuva fresquinha, servida em recipientes típicos de floresta, como grandes folhas em forma de concha. Para comer, como prato de entrada, havia ossos de cervo já desgastados, coletados na floresta.

Como prato principal, também foram oferecidos ossos de cervo, porque não havia outra coisa ainda. Só que, desta vez, foram servidos os ossos mais fresquinhos.

Como sobremesa, foram distribuídas frutas florestais.

Na parte de recreação, houve várias disputas, com torcida e tudo, através de uma espécie de luta semelhante ao sumô, em que dois cães ficavam sobre duas patas dentro de determinado espaço; vencia o que primeiro conseguisse derrubar o outro para fora, com os seus movimentos. Só não valia golpe baixo, como era natural, e por motivos óbvios.

Pelo menos nesse dia, houve muita diversão na República.

No entanto, sempre há os descontentes, e dentre estes, destacou-se um grupo liderado por dois cães: Husk, e G.S., que não queria acatar as regras aprovadas pela maioria.

Seus membros entendiam que o que sustentava uma comunidade forte, era uma liderança natural, também forte e impositiva, e que simples regras estabelecidas em uma reunião, não teriam força para vigorar, sem que houvesse um grande, fortalecido e justo líder para aplicá-las.

Assim, Husk, G.S., e seus seguidores, por conta dessa discordância, debandaram dali. Assim que acabou a festa, é claro.

Mais tarde, haveria uma nova subdivisão, e o grupo de Husk se separaria do grupo de G.S. O primeiro se tornaria o mais forte entre os dois e, após um hiato, cresceria e passaria até a rivalizar com a República. Por causa do seu líder, eles passaram a ser chamados de huskeanos.

Registre-se que Husk e seus seguidores, inclusive, faziam parte da minoria que não acreditava na existência de um Grande Cão Criador, porque entendiam que isso nunca havia sido provado empiricamente.

## Da importância dos cães para os humanos

A verdade é que ninguém podia negar a importância dos cães para o ser humano, desde os primórdios. Para: conduzir os trenós nas regiões geladas; fazer companhia e ajudar no desenvolvimento das crianças; guiar os cegos; ajudar os caçadores no ato da caça; a vigilância das residências; auxiliar, com seu olfato apurado, a polícia e ao exército em treinamentos e missões; servirem como companheiros dos solitários, velhos e mendigos, etc., ou simplesmente para serem amigos, independentemente de qualquer outra coisa.

Não havia sido percebido até então, o quanto os humanos dependiam desses “animais”.

Por outro lado, essa repentina percepção era triste, porque não se pensava nas necessidades dos cães de forma nenhuma (de serem tratados com mais dignidade, por exemplo), mas somente nas dos homens.

E os detentores do poder político, que também eram os que detinham boa parte do poder econômico – como historicamente acontece em todos os lugares – começaram a ser pressionados para investigar com afinco o que estava acontecendo, e a trabalhar para tentar trazer todos os cães de volta.

Surgiram manifestações formais instando os governos a agirem, e a pressão sobre os líderes se tornava cada vez maior.

Os pobres sofriam muito com a ausência de seus cães, pelos mais diversos motivos. Porém, a pressão era exercida por parte dos nobres, dos militares e dos demais homens de posses, que também amavam seus “bichinhos”, e eram os que, de fato, tinham a influência necessária para interferir junto aos governos, em função dos poderes inerentes às suas classes ou condições econômicas elevadas.

Mas não era só isso: também pesava o fato de que, apesar dos líderes serem soberanos absolutos, eles também eram obrigados a manter uma aparência de força e sabedoria, e ainda por cima, a ostentar, como fazia o grande rei Salomão, que na época era a referência para esses regentes. Além disso, tinham que demonstrar perspicácia e capacidade de restabelecer a ordem em momentos de crise – como aquele, por exemplo –, pois, do contrário, ganhariam fama de governantes fracos, inexpressivos e medíocres.

Sabendo que seus nomes e qualidades (ou defeitos) entrariam para a história de alguma forma, nenhum desses governantes desejava para si, uma má reputação, é claro.

Todos temiam, além da possível má fama, as novas e insultantes piadinhas que poderiam vir a ser criadas e associadas aos seus nomes, dependendo de como, futuramente, seria avaliada a sua maneira de enfrentar aquela situação.

Menciona-se “novas piadinhas” porque, àquela altura, alguns líderes já não aguentavam mais as risadinhas de canto de lábio sendo disfarçadas, quando eles entravam nos salões, para os saraus da nobreza.

Sabiam, por exemplo, da existência da já então, infame pilhéria de que “o rei não fazia nada porque era incompetente para cachorro”, anedota que sempre pairava no ar, assim que eram anunciados nos lugares.

Embora essa anedota, depois de um certo um tempo, tivesse se tornado velha, desgastada e sem graça, como é comum hoje em dia e também o era naqueles tempos, sempre havia um contador de gracejos antigos, geralmente um chato, que trazia as piadas velhas de volta à baila, nos momentos mais inoportunos.

E enquanto o rei não chegava, e a piada era contada novamente, ainda que depois de longo tempo, todos se punham a rir, mas agora não mais da piada, e sim da idiotice de quem ainda a repetia. Entretanto, não havia como explicar esse detalhe ao monarca que entrava naqueles breves momentos, porque isso pioraria ainda mais a situação.

De qualquer maneira, essa situação insistia em incomodar e a causar um certo desconforto para rainhas, reis, primeiros-ministros, e enfim, para os líderes políticos em geral.

Vê-se então, que a pressão para a tomada de providências, não era só externa.

Para se mostrarem ativos, esses governos obrigaram-se a realizar o equivalente a uma Assembleia Geral Intergovernamental, para a qual foram convocados os países com maior poderio econômico e militar daquela época.

Pelos motivos já expostos, foram impelidos a firmar um acordo de colaboração para organizar uma prévia e detalhada investigação, seguida da busca e apreensão dos cães desaparecidos. Para isso, deveriam montar uma operação conjunta em forma de expedição, das maiores já realizadas no mundo até então.

O plano teria que ser de longo prazo, em virtude do tamanho do projeto, da quantidade de pessoas envolvidas, e dos altos custos de materiais, organização e treinamento.

Os governantes se comprometeram, na ocasião, a se dedicar aos preparativos para a busca dos cães, como se fossem se preparar para uma guerra.

O acordo firmado apenas dava início formal ao procedimento, que, na prática, seria consolidado após investigações preliminares, já que, com exceção dos negacionistas, ninguém mais duvidava que ocorreria uma fuga em massa, embora não se soubesse ainda o porquê.

Apesar da realização dessa formalidade, não havia um prazo certo para a busca começar, mas sabia-se que, como acontece com tudo que depende de altos investimentos governamentais, isso levaria algum tempo.

Depois que se angariassem os fundos para tanto – e uma hora isso aconteceria, ainda que demorasse – a busca finalmente teria início.

## Da vida na grande Comunidade

Enquanto isso, a República considerada como um todo, graças à sua organização, à cooperação geral dos moradores e às decisões tomadas em conjunto, seguia prosperando e ficando melhor a cada dia. Dentre outras tantas melhorias, uma delas foi o fim da escassez de alimentos.

A vida dos cães se tornava mais sadia e feliz, apesar do trabalho duro que teve que ser realizado no início, principalmente pelos coletores, pescadores e caçadores.

O futuro da jovem e diferente República era promissor, visto que todas as áreas iam se aperfeiçoando, embora que lentamente. A tendência era tornar-se uma comunidade forte e ainda mais evoluída no futuro. Afinal, tinha tudo para isso, já que não faltavam recursos naturais.

Tempos ainda melhores e brilhantes se avizinhavam, bastava ter paciência.

Entretanto, ainda havia problemas, pois, como tudo evoluía muito lentamente – o que era natural – muitos não tinham a paciência necessária para deixar a comunidade amadurecer em sua forma, valores, organização e economia, caninamente falando.

Por exemplo: insatisfeitos estavam os cães vigilantes, que queriam participar da administração, por estarem convencidos de que trabalhavam muito mais, e eram mais competentes, fortes e importantes que os outros, achando que por isso, deveriam ter mais poderes de decisão e privilégios.

Com esse pensamento, convocaram o velho Pod, Notável – título que qualquer gestor eleito passou a receber – líder-administrador daquele período, e lhe falaram da importância de suas funções para a República, na questão de vigilância e proteção. Disseram que apesar dessa relevância, não tinham poder de direção algum, o que desejariam que mudasse.

O velho Pod, junto com um grupo de outros cães mais velhos, que serviam como conselheiros, atendeu à convocação. Explicou que as coisas eram assim porque as tarefas precisavam permanecer separadas; caso se misturassem, a República correria risco.

Que como aprenderam com os maus exemplos dos humanos, a concentração de poderes em uma só classe ou pessoa, sempre resulta em injustiças, gana pela permanência no poder, e depois, em desorganização.

Ressaltou que uma parte dos cães deveria administrar, e as outras funções deviam ser divididas entre as outras partes, para fins de elaboração de leis, proteção, e assim por diante.

Ele e os anciãos, concluíram as explicações dirigidas aos vigilantes, esclarecendo-lhes mais ainda: que a divisão de funções era uma das poucas coisas que haviam funcionado em vários lugares do mundo, mesmo entre os humanos, e que não seria prudente alterar um modelo que estava dando certo.

Além disso, a repartição de tarefas não tem como intenção dar mais importância a este ou àquele trabalho, porque isso seria um desvio dos fins da República.

Os cães vigilantes, por sua vez, diante dessas colocações, saíram daquela reunião no mais absoluto silêncio.

Nesse momento, Pod e os conselheiros, puderam antever dias difíceis para a República.

## Do novo cotidiano dos humanos sem os cães

Do outro lado, os humanos iam ficando cada vez mais mal-humorados, soturnos e conflituosos, ao que tudo indicava, pela falta que os cachorros faziam.

Apesar de não haver certeza sobre a correlação entre fatos, a grande maioria das pessoas achava que a lacuna deixada pelos “bichos de estimação” preferidos das populações, era a razão por trás daquela atmosfera sombria.

E era fato que as brigas e mortes decorrentes dos conflitos, cresceram assustadoramente.

Nem mesmo os outros animais, como gatos e pássaros, puderam preencher o vazio deixado pelos cães.

Os poucos que ficaram começaram a ser disputados “a tapa”, e as Cortes de julgamento tinham mais contendas judiciais pela guarda de cães, do que qualquer outra questão para resolver.

Chegou-se ao ponto de alguns desses “bichos”, por causa do seu alto valor, serem leiloados pelos seus “donos” menos apegados, em famosos mercados, onde eram comprados por nobres ou mercadores ricos.

Entraram em cena os ironicamente chamados “caçadores de cães”, pessoas que procuravam cachorros perdidos, capturavam-nos e cobravam uma fortuna para devolvê-los aos seus “proprietários”; e quando não os encontravam, os vendiam a outros interessados, nos referidos mercados, onde eles eram expostos e vendidos, como se vendem históricos objetos de arte atualmente.

Claro que esses caçadores ouviram falar da existência de uma alcunhada e suposta “terra prometida” situada na floresta, onde se localizariam comunidades inteiras de cães. Sabiam que se capturados, estes “bichos” poderiam lhes render uma fortuna, em virtude do mencionado alto valor que os “animais” passaram a representar.

A maioria achava que era lenda, mas alguns poucos se arriscavam, e saíam em busca dessas então, míticas comunidades. No entanto, quase nunca retornavam, porque os lobos, não querendo mais intrusos por ali, cuidavam de recepcioná-los na floresta.

Por isso, quase ninguém mais se aventurava a entrar na mata profunda. Os caçadores preferiam manter-se vivos, embora sem grandes fortunas, a se arriscar e perder a vida, em troca de um lucro incerto, o que era um raciocínio bem razoável.

## Do desvirtuamento da república

Como nada é perfeito, em uma determinada época, cães distribuidores e vigilantes, juntamente com alguns gestores eleitos, começaram a desvirtuar suas funções, buscando vantagens pessoais por meio da aprovação de regras que lhes concedessem favorecimentos, como ração mais farta, reverências especiais, privilégios nos julgamentos, maior permanência no poder, e outras preferências em todas as questões em que seus interesses estivessem envolvidos, em desfavor de outros, que estivessem na mesma situação.

Assim, os cães beneficiados começaram a ficar mais gordos e bem tratados, em detrimento da maioria da população, que apesar de trabalhar muito, passou a viver com o mínimo necessário para sobreviver. Às vezes, nem isso.

Essa situação causou um grande desequilíbrio nas relações dentro da República.

Diante dessa constatação, e percebendo a gravidade da situação, um grupo de cachorros, do qual Son participava, ao invés de ficar parado ou só reclamando, tratou de organizar a população interessada para intervir junto às Assembleias, num esforço para pôr fim às normas concessoas de privilégios.

Esse grupo – formado pela maioria, mas que ainda não conhecia a sua força – apesar de ter sofrido muitas pressões e ameaças por parte dos favorecidos pela situação, começou, e continuou defendendo os seus nobres valores por muito tempo.

Para não serem derrotados nas suas intenções, passaram a usar um artifício muito simples: sempre que precisava se manifestar nas Assembleias, por exemplo, reuniam-se para isso, e não se separavam, até o fim.

Não tinham um líder identificável, e as iniciativas, portanto, partiam do grupo por meio de ações conjuntas, o que dificultava a perseguição por parte dos privilegiados. Afinal, se estes quisessem perseguir ou prejudicar algum dos manifestantes, teriam que fazer isso em relação a todos, o que tornava muito mais difícil uma possível vingança, tendo-se em conta que se tratava de uma maioria coesa e muito bem organizada.

Além disso, os “ativistas” nunca deixavam de comparecer às votações por qualquer motivo, e procuravam usar a sua própria conduta como exemplo, seguindo uma máxima com relação ao bem comum: “fazer o que se defende e defender o que se faz, se a causa for justa”, algo que, às vezes, as pessoas não faziam no mundo dos humanos.

A partir desse movimento em diante, foram realizadas reformas nas regras da República, e retiradas as benesses injustificáveis dos administradores e dos outros favorecidos. Ou seja, ainda que eleitos, todos voltariam a receber a mesma porção de ração e o mesmo tratamento, com exceção de algumas vantagens mínimas, que serviriam apenas para possibilitar o exercício de algumas funções.

As tarefas diretivas eletivas passaram a ser ocupadas por uma só vez, mudança que abriu espaços para as novas gerações se elegerem.

Dessa maneira, tudo voltou a ser mais justo, naquela grande comunidade.

No entanto, como era previsível, os cães repartidores e vigilantes mais antigos, não gostaram nada dessa mudança...

## Do conflito interno

Como defendiam a República contra possíveis ameaças externas, os cães vigilantes nunca deixaram de se sentir mais fortes e importantes, como já vimos, e com mais veemência ainda, continuaram reivindicando privilégios e mais influência na gestão de determinadas áreas administrativas da comunidade.

Orquestraram uma estratégica aproximação com os lobos, e também com Bernardo, em razão de sua liderança natural na comunidade.

Eles estavam sedentos pelo poder, e sabiam que esses personagens poderiam ajudá-los em algum momento, o que realmente aconteceu, como se verá adiante.

Son advertira Bernardo do perigo dessa aproximação, e houve, de início, uma primeira e breve discussão entre eles sobre o assunto.

O Notável da época, que não queria se indispor com nenhum segmento dentro da República, levou às Assembleias, para votação, todas os pedidos dos vigilantes. Entretanto, nenhum deles foi aprovado, porque os cães ainda não haviam esquecido do esforço que tiveram que fazer para modificar as leis injustas, tempos atrás, quando buscavam o retorno da igualdade.

Assim, não queriam passar por aquela situação novamente, ou correr o risco de um retrocesso, visto que uma concessão ou exceção leva a outras mais, e assim sucessivamente, situações que não queriam ver repetidas.

Descontentes, os cães vigilantes espalharam para todos os indivíduos que uma invasão dos huskeanos estava prestes a acontecer, tendo em vista que estes haviam se tornado mais fortes e pretensiosos.

Também divulgaram a ideia de que para o bem da República, de imediato deveria ser nomeado um líder forte e único para um provável enfrentamento, porque a morosidade do processo de convocação de Assembleias, e a demora na tomada de providências para prevenir o ataque, representava um risco que não se poderia ocorrer, diante da proximidade do inimigo.

Muitos cachorros – entre eles, Bernardo, que havia se aproximado dos vigilantes – acreditaram no que foi dito e não queriam de maneira nenhuma, ser governados por um grupo que não acreditava no Grande Cão Criador.

Assim, houve a nomeação entre eles, de um interventor, um cão repartidor “testa de ferro” chamado Mast, que tinha estreitas relações com os vigilantes, e que recebia um forte apoio deles, porque sempre estiveram juntos, em termos de convicções sobre a administração.

Depois, organizou-se uma assembleia, convocada às pressas, a qual foi divulgada somente entre o grupo aliado. Nela os intervenientes declararam que a partir dali, assumiriam a administração de todas as questões republicanas.

Um cerco havia sido armado pelos lobos para que grande parte dos coletores, caçadores e pescadores não chegassem a essa reunião a tempo, fazendo com que os vigilantes e seus adeptos formassem a imensa maioria dos presentes.

Mesmo assim, assim tiveram notícia dos acontecimentos, e já prevenido uma desgraça, uma pequena parte dos cães sitiados conseguiu, a muito custo, furar o bloqueio. Entre eles estava Son, que chegou todo machucado, em razão de sua desesperada fuga dos lobos através da densa floresta.

Ele e parte dos cães estavam cômnicos de que o outro grupo buscava apenas um pretexto para tomar o poder, pois sabia que isso não seria possível por meio de decisões em comum.

Aqueles republicanos persistentes que conseguiram chegar, iriam tentar, naquela delicada situação, assegurar a manutenção da República, tal como era.

Porém, depois de muitos debates, e sem que se chegasse a um acordo, o choque entre os dissidentes resultou em um conflito interno, e terminou em violência.

E naquela confusão de mordidas, latidos, rosnados e pelos arrancado, muitos cachorros perderam o rabo.

E, de repente, Bernardo e Son, os dois irmãos que estavam de lados opostos, encontraram-se no meio do conflito canino.

O encontro entre eles provocou uma espécie de catarse, em todos os outros cães envolvidos, que pararam de brigar e começaram a observar, atônitos, a luta entre irmãos, prestes a começar. Então, muitos deles, paralisados, compreenderam a bestialidade daquela situação.

Entretanto, na emoção do épico confronto que estava para se desenrolar, por conta do calor do momento, os próprios envolvidos nele, não perceberam de imediato que eram irmãos, o que só foi acontecer depois de passados alguns segundos, e da troca de algumas mordidas e patadas.

Quando voltaram a si, ambos ficaram horrorizados e se afastaram.

O grupo de Son, viu que a grande massa dos cães presentes apoiava os seus opositores, e que daquele jeito não venceriam. Ao contrário, estavam perdendo feio, e deveriam reconhecer que era hora de se retirar, e depois, talvez, pensar em uma outra forma de luta.

Então, foram embora em grupos mais ou menos dispersos.

Parte do grupo adversário continuou parado, mas alguns tentaram seguir Son e seus companheiros, tendo sido impedidos pelo próprio Bernardo.

A partir dali, muitos dos fugidos se refugiaram em outras comunidades caninas, e outros ficaram isolados ali na floresta mesmo, levando um estilo de vida parecido com o dos cães monges.

Todos esperavam a chance de algum dia voltar para a República dos Cães, e restaurar a sua antiga forma.

E essa mesma república, tão democrática antes, foi dominada pelos vigilantes e parte dos repartidores, que passaram a exercer o poder pleno, impondo seu próprio sistema de gestão.

Todas as conquistas anteriores foram perdidas.

O nome República dos Cães foi mantido, mas aquela espécie de liderança não tinha mais nada a ver com esse nome, que agora era mera formalidade.

Com o controle absoluto e a concentração do poder, não havia espaço para novas ideias e decisões comunitárias, o que podou a criatividade, aniquilou a vontade de colaboração dos cachorros, e resultou em várias mudanças regrativas para legitimar aquela forma de dominação.

Essas modificações foram feitas sob a conivência ou apoio da maioria, inclusive dos próprios cães julgadores, encarregados de aplicar as leis, salvo raríssimas exceções, porque no fundo, havia sim, um forte temor dos huskeanos na coletividade, plantado previamente na mente dos cachorros, pelos que vieram a tomar o poder.

Os que reagiam ao regime, eram declarados incapazes, ou sofriam algum tipo de violência.

Isso tudo levou a uma estagnação no desenvolvimento da comunidade - que como vimos, vinha em franca ascensão - seguida de forte retrocesso em todos os sentidos.

Mas, com o tempo, os próprios detentores do poder começaram a se desentender e a entrar em conflito entre si, em razão de disputas por espaços no poder. Por conta disso, somado à falta de visão administrativa, a Grande Comunidade entrou em uma grave crise econômica e de desorganização, resultando na total desunião da população, iniciando-se a partir de então, uma rápida decadência.

## Do fim da República

Com o enfraquecimento da comunidade, que teve que lidar com os conflitos internos, houve o consequente relaxamento dos seus sistemas de vigilância, e abriram-se brechas para os humanos entrarem.

E eles vieram.

Chegaram como sempre fazem quando pretendem dominar um território: promovendo imensa devastação.

Traziam um emaranhado de enormes redes, laços e focinheiras, misturados com armas, que eram imediatamente utilizadas, ao menor sinal de perigo para os homens, pois as ordens governamentais eram para invadir e apreender os cães, ao menor custo material e humano possível.

Instalou-se na República, naquele instante, uma balbúrdia de perseguição, latidos, rosnados e gritos humanos.

Não havia nenhuma preocupação com a integridade física dos cachorros naquele momento. Muitos dos que resistiram mais ferozmente, foram mortos. Poucos conseguiram escapar.

Lúgubres latidos saíam da boca dos capturados, dentro de suas redes e gaiolas improvisadas.

Os lamentos eram causados, tanto pela dor física, provocada pela violenta ação humana, quanto pelo fim de um sonho de independência quase realizado, mas que se desvanecera naquele instante.

A República dos Cães chegava ao fim, e os homens haviam se empenhado tanto no trabalho de deslocamento para aquela missão, que não poderiam deixar nada para trás. Fariam uma busca completa, dado que não realizariam uma nova expedição daquelas, por conta dos custos que a tarefa envolvia.

Então, partiram para o território das outras comunidades, e nesses lugares, usaram ainda de maior violência e intolerância. Alguns humanos saíram muito machucados, mas, mais cães sucumbiram na luta.

## Conclusão: o reencontro

Concluindo nossa história, depois do conflito interno narrado anteriormente, Son correu... correu muito, e a princípio, sem destino.

Confuso nessa jornada, perdeu contato com seus companheiros.

Quando cansou, parou para beber água, molhar o pelo e se sacudir, antes de voltar a correr. Desta vez em direção ao refúgio de Fil, seu porto seguro, seu mestre, seu amigo. “Ah! Como é bom ter com quem conversar”, ele pensava. Ainda que outros confusos pensamentos lhe atordoassem a cabeça.

Ao chegar, vendo seu estado, o amigo o aconselhou logo que dormisse, para descansar, sugerindo que no dia seguinte poderiam conversar melhor, pois era importante que Son organizasse as ideias primeiro.

Mas o cão monge já sabia, claro, que algo muito grave havia acontecido.

Fil latiu o que hoje seria uma espécie de mantra, e seu amigo caiu em um sono profundo.

Son passou mais algum tempo naquele refúgio, a fim de concatenar as ideias, como lhe foi sugerido.

Um dia, um cão perdido, dos poucos que conseguiram fugir dos humanos, passou por ali e informou sobre o destino da República, para espanto dos dois amigos. Questionado, disse que vira Bernardo e que ele fora levado pelos homens.

Como Son ficou ainda mais confuso e desolado com a notícia, voltaram a lembrar do ocorrido no conflito interno, e de novo conversaram sobre ele; a respeito da dissolução da grande comunidade, e sobre Bernardo.

E, ao fim de nova lamentação de Son – que destacava principalmente o que se passara entre ele e Bernardo – seu amigo Fil proferiu as seguintes palavras:

— Para que tanta lamentação? A não ser que você tenha matado alguém, fisicamente falando, um erro pode ser corrigido, e não há razão para se atormentar eternamente por causa dele.

Sinceramente, não sei como os cachorros (e as pessoas) ainda fazem isso.

Refleta um instante sobre o que eu disse, e vá! Tenho certeza que vai saber o que fazer.

Mas Son não refletiu coisa nenhuma, sobre a fala do amigo! Isto porque, aquelas palavras entraram em seu coração de imediato e diretamente, como uma flecha.

Então, ele se despediu às pressas e correu novamente. Foi primeiro ver os estragos, e captar os odores desta destruição, ocorrida na sua antiga comunidade.

A partir dali, iniciou sua jornada para tentar libertar o seu irmão, porque ainda tinha os cheiros do seu último “dono” e da velha casa, gravados em seu focinho.

Ele sabia que bastava procurar, e também que a busca seria longa e cansativa. Mas, àquela altura, isso já não importava.

Vagou sentindo fome, frio e tristeza, que se transformavam em repentina alegria, quando imaginava um possível reencontro. Fugiu dos homens e dos cães delatores como se fugisse do diabo.

“Chorava”, num latido lamentoso por vezes, parava por algum tempo, se recompunha e de novo partia, desbravando um território imenso para ele, e que o obrigou a parar outras tantas vezes para descansar. Mas não desistiu. Seria isso o que chamam de resiliência?

Até que, em uma noite fria, o destino o recompensou.

Redescobriu seu antigo lar, onde estava seu querido irmão.

Arrependido em sentimento, misturado ao medo que isso gera, chegou perto – mas não muito – ao que o “mano”, ouvindo o som, sentido o cheiro e olhando de longe, perguntou:

— Son...?

No ar, um latido lamentoso do mais jovem.

— Chegue mais perto, irmão!

E Son chegou. Chegou e levou logo umas lambidas, mordidas e patadas de Bernardo. Desta vez de leve, obviamente. Por fim, este disse:

E Son chegou. Chegou e levou logo umas lambidas, mordidas e patadas de Bernardo. Desta vez de leve, obviamente. Por fim, este disse:

— Desculpe, irmão! Fui precipitado!

Andei aprendendo muito, nestes tempos difíceis, e sei que o que fiz foi errado. Só pensei em mim mesmo e no meu grupo, quando deveria ter pensado no todo. Qualquer coisa diferente disso é loucura.

— Isso ficou para trás, agora vamos trabalhar...

E, assim, o irmão mais novo passou quase a noite toda ajudando a roer a grossa corda que prendia o mais velho, tarefa que seria impossível para um cão só. Mas isso não era nada perto do que ele já havia passado.

Teve que trabalhar em dobro, porque ainda precisou incentivar Bernardo a todo momento, visto que ele ainda estava muito desanimado, e se não fosse o irmão, ficaria ali mesmo, conformado com a sua situação. Tanto, que demorou para esboçar uma reação positiva, embora depois de muita insistência, tenha conseguido se animar.

Conseguiram terminar quase de manhã, com os dentes um pouco doloridos.

E os dois cachorros, soltos, saíram correndo a esmo pelos campos. Unidos, felizes, naquela manhã que eu gostaria que estivesse ensolarada, para que a narrativa ficasse mais bonita.

Mas não, ao contrário, o dia estava gelado e um vento frio e cortante balançava os pelos dos dois cachorros, e esfriava ainda mais os seus focinhos.

Mas, estranhamente, eles não sentiam a temperatura ambiente. Até porque, os seres em estado de felicidade, costumam não praguejar contra as intempéries do tempo.

Não pensavam no futuro ainda. Somente na alegria do reencontro, na felicidade do agora, proporcionada pela nova união entre eles. Fundariam eles uma nova República?

Não posso responder agora, meu caro leitor, porque essa, já é uma outra história...



Helcio Freitas, é de Curitiba-PR. É formado em Direito, mas também estudou História e Teatro, tendo participado de algumas peças amadoras. É autor de alguns textos, como peças teatrais, artigos e crônicas, todos publicados esparsamente, em jornais corporativos ou em outras mídias, sem vínculo com editoras. Faz uma de suas primeiras incursões neste mundo das letras como autor, e, portanto, ainda está em seus primeiros passos. Enfim, é apreciador da leitura e da escrita, e quem lê e escreve sabe que é difícil parar de fazê-los, quando se começa, e isso, com o tempo, se torna uma verdadeira necessidade.

Esse é o primeiro livro em formato de e-Book editado pelo autor, neste território da literatura digital, participou da antologia “Amazônia”, junto com mais 15 autores.

# FICHA TÉCNICA

“O Reino Triste e outras histórias lúdicas”

## AUTOR

Helcio Freitas

PROJETO GRÁFICO  
e Propter de I.A.

Jiddu Saldanha

ILUSTRADO POR  
Inteligência Artificial

## REVISÃO

A revisão deste e-Book é de  
responsabilidade do autor

ISBN nº 978-65-01-32511-8

[CLIQUE AQUI](#)

